

Fazenda, 20,10,1914

Rangel:

Ora graças que nos encontramos de novo. Porque não tinha graça nenhuma que depois de tão comprida caminheira nós nos “estranhassemos”, num quasi divorcio, só porque você se meteu a eletricista e eu a fazendeiro. Vida em fazenda antes personaliza do que uniformiza. E argumento por argumento, os teus podem aplicar-se a você mesmo, que na classificação social tem a ficha de juiz mineiro. Quantos elementos cá na roça encontro para uma arte nova! Quantos filões! E muito naturalmente eu *gesto coisas*, ou deixo que se gestem dentro de mim num processo inconciente, que é o melhor: *géstio* uma obra literaria, Rangel, que, realizada, será *algo nuevo* neste país vitima duma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra ha um maldito prisma que desnatura as realidades*. E ha o francês, o maldito macaqueamento do francês.

Não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma serie de contos e coisas com uma ideia central. Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontaneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho-de-galinha, ou como no pombo o piolho-de-pombo, ou como no besouro o piolho-de-besouro_ especies incapazes de viver em outros meios. O caboclo, piolho-de-serra, tambem e incapaz de outra piolhagem que não a da serra. Já te escrevi sobre isto; e se a ideia volta e insiste, é que de fato está se gestando bem vivinha e será parida no tempo proprio.

Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem_ “agregados” aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incendio de matas deste ano a eles o devo. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lendea, no utero duma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro. Nasce por mãos duma negra parteira, senhora de rezas magicas de macumba. Cresce no chão batido das choças e do terreiro, entre galinhas, leitões e cachorrinhos, com uma eterna lombriga de ranho pendurada no nariz. Ve-lo virar menino, tomar o pito e a faca de ponta, impregnar-se do vocabulario e da “sabedoria” paterna, provar a primeira pinga, queimar o primeiro mato, matar com a picapau a primeira rolinha, casar e passar a piolhar a serra nas redondezas do sitio onde nasceu, até que a morte o recolha. Constroi lá uma choça de palha igualzinha á paterna, produz uns piolhinhos muito iguais ao que ele foi, com a mesma lombriga nas ventas. Contar a obra de pilhagem e depredação do caboclo. A caça nativa que ele destroi, as velhas arvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão. Havia uma gameleira colossal perto da choça, arvore centenaria_ uma pura catedral. Pois ele derrubou-a com “tres dias de machado”_ atorou-a e dela extraiu... uma gamelinha de dois palmos de

diametro para os semicupios da mulher! Também extraiu da gameleira morta um pilãozinho de moer sal. Como aproveitou a gameleira, assim aproveita a terra. Queima toda uma face de morro para plantar um litro de milho. E assim por diante. Um dia aparece o pó da Persia que afugenta a piolhada: o italiano. Senhorea-se da terra, cura-a, transforma-a e prospera. O piolho, afugentado, vai parasitar um chão virgem mais adiante.

Como você vê, não é fantasia nem carocha. É uma coisa que está aí e ninguém vê por causa do tal prisma. Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veio até Coelho Neto_ e que até o Ricardo romantizou tão lindo:

Cisma o caboclo á porta da cabana...

Eu vou contar o que ele cisma. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma “entrada”, a novidade do cenário embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romantico já cristalizado_ e até vê caipirinhas côr de jambo, como o Fagundes Varela. O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, ao Coelho Neto, á Julia Lopes, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradissima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca... Em vez de índio, caboclo.

Entrementes, colho café, planto feijão, milho e arroz, acompanho a guerra, leio Albalat, fumo cigarros de palha, não pago dividas, carteio-me de longe em longe com o Rangel e, sempre magro, vejo engorar á vista d’olhos a legião de parentes e amigos que hospedei este ano e hospedo ainda. Agora que te puseste fora da eletricidade, que vais tu *começar* ou que tencionas *concluir*? Ando saudoso dos tempos de Areias, em que o correio me trazia os teus famosos romances numerados. Quando me mandas o ultimo? Vamos, Rangel, toca a andar. Quem sabe se estamos *perto*? Às vezes a gente chega inopinadamente.

LOBATO